

# Livre-arbítrio e Destino

José Reis Chaves

Livre-arbítrio e destino são questões filosóficas e teológicas que mais polêmicas têm trazido para os espiritualistas de todos os credos e de todos os tempos. E, se essas duas questões forem aceitas com base em certas doutrinas, então é que elas ficam mais polêmicas, ainda.

Santo Agostinho ensinou a verdade de que nosso livre-arbítrio não é pleno. Mas enganou-se por afirmar que a sua causa seja o pecado original, que é bíblico, mas também antibíblico (Ezequiel 18,20; Jeremias 31, 29-30; e Deuteronômio 24,16). Também para Spinoza o nosso livre-arbítrio é incompleto. Para ele, temos duas naturezas: uma divina ou espiritual (“natura naturans”) determinante e outra humana ou egóica (“natura naturata”), que é determinada. Isso faz-nos lembrar do que disse o apóstolo Paulo, ou seja, que ele queria fazer o bem, mas acabava fazendo o mal que não queria (Romanos 7,19).

Temos que estudar muito esses assuntos, para não dizermos tolices sobre eles. Alguns acham que, por Deus saber o nosso futuro, o nosso destino já está determinado para nós, e que, portanto, não há livre-arbítrio. E chegam até a dizer que quem acredita em livre-arbítrio, não pode acreditar em Deus. Isso é um absurdo, pois, por Deus saber o nosso futuro, isso não significa que Ele quer o que acontecerá conosco. Deus quer que façamos o bem, mas, justamente porque temos livre-arbítrio, que Ele respeita muito, Ele deixa que façamos o mal. E é verdade que existe um destino para nós. Mas ele é feito por nós mesmos, já que colhemos o que plantamos. A colheita é, pois, o nosso destino ou carma bom ou mau, e que é conhecido por Deus, sim.

Mas mesmo sendo o nosso livre-arbítrio prejudicado pela nossa “natura naturata” ou ego, com ele nós podemos alterar nosso destino ou carma, com o amor e as boas ações, que encobrem uma multidão de pecados ou carmas (1 Pedro 4,8; Tiago 5,20; e Provérbios 10,12).

*Artigo recebido do autor com autorização de reprodução*